

RUBEM
BRAGA

28.1.63

A CARA HUMANA

Quase toda manhã vejo o programa **Expresso das 8**, da Continental. Tem umas coisas fracas, mesmo porque a estação, toda gente sabe, é pobre, mas me parece uma tentativa inteligente de superar deficiências técnicas. Texto e desenhos geralmente bons, apresentados com agilidade; imagino que o mérito principal deve caber a Reinaldo Jardim. Jornalisticamente funciona, pois não se limita a dar o noticiário que vem nos matutinos, e sempre encaixa uma ou outra nota de momento, pegada pelo telefone.

Não quero invadir o território onde Fausto Wolff atua com tão sofrida seriedade e Ivã Lessa funciona com tanto espírito, mas queria chamar a atenção desses e de outros cronistas especializados em televisão (deve ser um drama empreender todo dia a crítica do vácuo) para um mau hábito de nossos câmaras. Escrevo a propósito do **Expresso das 8** porque agora mesmo vi o programa, mas a coisa vem de muito antes e é quase geral. Creio que essa coisa em linguagem técnica se chama **big close**; é quando todo o vídeo é ocupado pela cara de uma pessoa ou, o que é ainda pior, por um pequeno trecho da cara. Agora mesmo acabo de tomar conhecimento íntimo com a orelha esquerda do engenheiro Enaldo Cravo Peixoto, como se a estivesse vendo a meio palmo de distância. Vi também, em **brutal close**, sua papada, sua boca falando, seus olhos, sua mão e até seu pé. O engenheiro falava sobre sua candidatura e sobre as grandes obras de **SURSAN**; no lugar de nos mostrar essas obras a câmara nos mostrava, em grande ampliação, o nariz do engenheiro.

Já vi abusos como esse muito piores, pois se tratava de pessoas mais velhas ou de mulheres, em que a câmara ia buscar os sinais do tempo, focalizar os pequenos defeitos ou ruínas. Ora, tudo isso representa uma falta de respeito à cara humana. A cara humana deve ser apresentada no vídeo, em princípio, como é normalmente vista, sem ângulos imaginosos nem aproximações excessivas.

Na Inglaterra e em outros países da Europa isso é um princípio de ética rigorosamente acatado. O **big close** só é admitido em casos excepcionais — digamos para obter um efeito dramático ou cômico durante uma peça, ou para focalizar um detalhe de beleza. Não é nem pode ser usado como brincadeira de gosto sempre duvidoso quando não de escandaloso mau gosto. Esse abuso depõe, aliás, contra a imaginação do homem atrás da máquina; é um recurso barato de técnica.

Seria fácil ligar esse abuso a outros que marcam nosso tempo com o signo da humilhação: o prisioneiro político posto nu para ser interrogado ou o motorista que encontra seus quatro pneus esvaziados não por um moleque qualquer mas pela autoridade fardada. Tudo isso é prepotência, é irrisão, é escárnio do cidadão e do homem, é formação de um ambiente mental fascista. Claro que não vou atribuir designios sinistros a nossos cameramen que se divertem com suas máquinas; mas eu gostaria de lhes sugerir que respeitem a cara das pessoas e não achincalhem sua imagem — pois o homem, o pobre homem, dizem, foi feito à imagem e semelhança do Criador.